

## Entrevista com Paulo Agostinho Nogueira Baptista sobre sua experiência como egresso da primeira graduação de Ciência da Religião no Brasil

Interview with Paulo Agostinho Nogueira Baptista about his Experience as Alumnus of the First Undergraduate Course of Religious Studies in Brazil

Matheus Oliva da Costa\*

### CONTEXTUALIZAÇÃO

O ano de 1969 marca o início institucional da Ciência da Religião no Brasil, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o que criou as bases para o que se tornou o primeiro curso de graduação dessa área nesse país. Contudo, pouco se tem registrado deste marco histórico, e menos ainda se escreveu do ponto de vista dos discentes egressos de tal contexto. A presente entrevista, realizada por email, vem contemplar esse vazio.

O entrevistado, Paulo Agostinho Nogueira Baptista, é um egresso da UFJF que cursou todas as disciplinas da primeira graduação em Ciência da Religião durante o final dos anos 1970, enquanto se formava em Filosofia, e narra um pouco sobre isso em nossas páginas. Posteriormente, ele fez também graduação em Teologia pela PUC-Minas, bem como mestrado e doutorado em Ciência da Religião nessa área na UFJF. Desde 2012 é docente do mestrado em Ciências da Religião da PUC-Minas. Apesar da rica trajetória como professor, que também merece registro, nesta entrevista as perguntas foram feitas para entender o contexto das primeiras aplicações profissionais de cientistas das religiões no Brasil que vivenciaram a primeira graduação em Ciência da Religião do Brasil na década de 1970. Então o entrevistado respondeu as perguntas na perspectiva de um egresso daquele curso. Mesmo não se formando oficialmente, com as disciplinas cursadas já citadas, o que aprendeu teve forte impacto em sua vida, e sua trajetória está intimamente ligada à Ciência da Religião, algo lembrado por outros importantes nomes dessa área no Brasil.

Abaixo, segue uma contribuição a vários temas: história da Ciência da Religião no Brasil; história da primeira graduação dessa área e dos seus egressos; trajetória acadêmica de um destacado pesquisador das religiões brasileiro; e sobre questões profissionais e mercadológicas que os cursos e os formados em Ciência da Religião precisam pensar. Dessa forma, esperamos que a leitura a seguir seja proveitosa para entender as temáticas em questão.

### ENTREVISTA

1. Você foi um dos primeiros estudantes de graduação de Ciência(s) da(s) Religião(ões) (CR) no Brasil. Pode relatar como conheceu o curso e o que fez você ingressar nele?

---

\* Graduado (UNIMONTES-MG), mestre e doutorando (PUC-SP) em Ciência da Religião. Bolsista da Capes/Fudasp. Contato: matheusskt@hotmail.com . Submetido em 06/05/2018; aceito em 23/04/2019.

Naquele contexto não havia clareza sobre as Ciências da Religião e muito menos se visualizava que essa seria uma graduação para a formação docente do Ensino Religioso, apesar de ser uma das intenções de seus fundadores. O contexto de minha entrada na universidade se deu por pretender seguir o sacerdócio católico. Havia duas opções: fazer vestibular para Filosofia ou Ciência da Religião. Optei pelo vestibular em Filosofia e fazer todas as disciplinas de Ciência da Religião como optativas, pois o curso era basicamente oferecido à noite. E foi uma grata surpresa fazer as disciplinas oferecidas, especialmente ter sido aluno de Wolfgang Gruen, que foi inovador ao conceber a diferença entre Catequese e Ensino Religioso. Isso marcou para sempre minha condição docente desse componente curricular.

**2. O que mais chamava atenção no curso de CR, positivamente, para você? E o qual foi um ponto negativo?**

Primeiramente, foi estudar sobre o fenômeno religioso numa universidade federal, tendo como colegas alunos de diversos cursos, que também buscavam as disciplinas como optativas. O debate era muito interessante com alunos de Direito, Engenharia, Medicina, das licenciaturas, e muitos outros cursos. Depois, foi a abordagem crítica, aberta e dialogal. Estudar essas questões religiosas ao lado do curso de Filosofia foi bem desafiante. A Filosofia alimentava o questionamento e oferecia condições teóricas para a crítica. A Ciência da Religião olhava o fenômeno não de forma apologética, mas também crítica, com novos horizontes e uma epistemologia pluralista. Se havia um ponto negativo, era e foi a “cassação” da graduação, em pleno processo, obrigando os alunos que haviam feito o vestibular nesse curso a se transferirem para outro, e boa parte optou pela Filosofia.

**3. Como eram seus colegas em relação ao curso? O procuraram com quais expectativas? Como era o clima de formação da sua turma e de outras que conhecia?**

O grupo que fez o vestibular para Ciência da Religião, pela primeira e única vez oferecido no final de 1976, para início das aulas em 1977, era pequeno, pois havia apenas 10 vagas. E como existiam algumas disciplinas comuns com Filosofia, acabávamos nos encontrando muito. Mas em Ciência da Religião se matriculavam também alunos dos diversos cursos da UFJF que buscavam disciplinas optativas e que consideravam interessantes matérias como Introdução ao Mundo Bíblico, Estudo Comparado das Religiões, Psicologia da Religião, Filosofia da Religião... Lembro-me que todos se surpreendiam com as abordagens oferecidas, longe de qualquer postura confessional, mesmo que muitos professores fossem padres e pastores. Mas antes do vestibular, o curso já funcionava. Os alunos entravam pela Filosofia. Dentre os alunos, efetivamente da primeira turma, se destaca um dos grandes pesquisadores das Ciências da Religião no Brasil: Faustino Teixeira, que foi coordenador do PPCIR.

**4. Como foi a reação da comunidade acadêmica sobre o curso de CR? Como era a relação com estudantes e professores de outros cursos?**

O principal mentor do curso, Pe. Jaime Snoeck, professor de ética, também criador dos cursos de Serviço Social e de Filosofia, era um intelectual muito respeitado na universidade e na sociedade de Juiz de Fora. Nesse sentido, a reação era positiva. Certamente, lembro-me de três professores de Filosofia que eram radicalmente contra o curso. Também alguns professores da Educação, quando eu fiz disciplinas pedagógicas para a Filosofia, manifestavam alguma resistência às Ciências da Religião. Havia gente do Direito que lutou e participou do processo que levou ao encerramento da graduação.

**5. Qual era a postura dos professores com vocês em relação à formação em CR? Que tipo de comportamento acadêmico esperavam dos futuros formados em CR?**

Para os professores do curso também era uma novidade lecionar tais disciplinas na UFJF. A grande maioria era formada em Teologia e Filosofia. E tiveram que construir outro horizonte epistemológico e estudar questões que não conheceram em sua formação. Nesse sentido, o curso foi um processo de construção. Apesar de Gruen visualizar nas Ciências da Religião, desde a sua criação, a perspectiva da formação do docente de Ensino Religioso, creio que a maioria de professores e estudantes não tinha essa visão.

**6. E sobre trabalho, qual era o discurso dos professores sobre o que fariam enquanto profissionais formados em CR?**

Como disse anteriormente, não havia um horizonte profissional. Não me lembro de nenhum professor abordando essa questão. Alguns alunos eram seminaristas. E havia mulheres que talvez pensassem em lecionar e que acabaram tituladas em Filosofia e atuando nessa área. Mas não duvido que alguns ou algumas colegas tenham também lecionado Ensino Religioso. E não tenho dúvida que, se trilharam esse caminho, a formação em Ciências da Religião ajudou muito. Pelo menos para mim foi fundamental.

**7. Existia alguma conexão entre CR e Ensino Religioso no discurso de toda comunidade envolvida com o curso? Se sim, qual e como era?**

A única conexão com o Ensino Religioso – ER era o professor Wolfgang Gruen. Ele lecionava uma disciplina que não tratava do ER: Introdução do Mundo Bíblico. Mas sua abordagem, metodologia e pedagogia, inclusive os exemplos que dava como professor de Ensino Religioso em São João Del Rei, na mesma época, foram fundamentais para todos, especialmente para mim. Quando deixei o seminário, cinco anos depois de terminar o curso, tinha clareza sobre lecionar e o que lecionar: Ensino Religioso. E estou nessa prática docente há 33 anos na universidade, com a disciplina Cultura Religiosa, e de lecionar mais de 20 anos no Ensino Fundamental e Médio.

**8. Ainda sobre atuação profissional, era restrita a educação, ou houve disciplinas ou formações extracurriculares (como palestras) que já apontavam outras formas de trabalho para formados em CR? Chegou a trabalhar ou conhecer colegas do curso que trabalharam em outras áreas fora da educação?**

O horizonte profissional não era claro para os estudantes do curso. Não houve atividades ou palestras sobre essa questão. Conheço poucos colegas que se tornaram professores dessa área de Ensino Religioso e Cultura Religiosa, pois o contato com a maioria e não saberia informar o que fizeram e sobre a sua atuação profissional. Tenho um grande amigo, mas agora do mestrado e doutorado em Ciências da Religião que foi selecionado, especialmente por essa formação, e atua na área de Estudos Brasileiros e é frequentemente recrutado para tratar de questões de segurança de estado e relações internacionais.

**9. Após se formar, quais atividades remuneradas (empregos, concursos, serviços autônomos) você realizou? Em que a formação da graduação em CR da UFJF foi um fator para a admissão e/ou sucesso profissional?**

Terminado o curso de Filosofia e Ciência da Religião, ainda seminarista, segui o caminho da formação sacerdotal, fiz o noviciado e depois a graduação em Teologia. Mais tarde, em 1997, prestei concurso para o mestrado em Ciência da Religião, na própria UFJF, e não tenho dúvida que a formação que recebi foi fundamental para ter conseguido uma das primeiras colocações, assim como também obtive tal resultado na seleção para o doutorado, em 2002. Em 2012 fiz o concurso para professor do PPG em Ciências da Religião da PUC Minas e também tive êxito. As raízes da minha formação de graduação me acompanham e fundamentam minha formação e prática docente.

**10. Como foi a experiência nos empregos, cargos ou serviços remunerados realizados enquanto formado em CR? Quais foram as reações a sua atuação específica?**

Como professor de Ensino Religioso e Cultura Religiosa, há mais de 30 anos, considero que tal realização e sucesso se devem à formação recebida e construída. Se eu considerasse apenas a formação em Ciências da Religião, a base teórica foi muito importante, especialmente para as disciplinas que assumi na universidade, como Cultura Religiosa, que foram inicialmente meu campo de atuação mais forte. Para o Ensino Religioso contribuiu também, embora tivesse que fazer aprofundamentos que aquela proposta de curso da época não trazia. Outra fonte de formação fundamental foi a pedagógica, mas que não era oferecida no currículo de Ciências da Religião. Essa eu a tive na licenciatura em Filosofia. Porém, esse campo didático-pedagógico era pensado para o Ensino Médio e não para as séries do Ensino Fundamental. Como costuma acontecer, tive que aprender fazendo, com alunos do 5º, 6º, 7º, 8º, e 9º. anos. Considero, portanto, que a minha experiência profissional foi muito bem desenvolvida e acolhida pela formação que tive. E não posso deixar de dizer e repetir que, especialmente, ter sido aluno de Wolfgang Gruen foi fundamental para isso.

**11. Formou-se em outros cursos? Se sim, pode relatar quais diferenças observou em relação às suas diferentes titulações e suas respectivas atuações no mercado de trabalho?**

Sim. A última graduação foi em Teologia. Depois fiz uma especialização em Filosofia da Religião, mais o mestrado e doutorado em Ciência da Religião. Por fim, fiz o pós-doutorado em Demografia. Há claramente diferença entre Filosofia, Ciência da Religião e Teologia. Creio que a criticidade da Filosofia e a abertura da Ciência da Religião me ajudaram a fazer um curso de Teologia melhor, mas dialogal. E posso dizer que toda essa formação foram fundamentais na minha atuação profissional, não só como professor e pesquisador, mas também com diretor acadêmico, editor e diretor de uma editora.

**12. O que mais gostaria de abordar sobre a atuação no mercado de trabalho para cientistas das religiões do ponto de vista de quem cursou a primeira graduação em CR do Brasil?**

Do ponto de vista de quem cursou a primeira graduação em CR no Brasil, que durou muito pouco, posso afirmar que o avanço da pesquisa em Ciências da Religião foi enorme, especialmente a partir do final dos anos de 1970, com destaque para os anos de 1990 e 2000. A visão epistemológica amadureceu muito, mas precisa continuar a avançar. Descobriu-se a vocação das CR para a formação de um importante profissional da educação: o docente de Ensino Religioso. Um Ensino Religioso não confessional, laico, formador de uma dimensão fundamental para os educandos: os horizontes de sentido para a construção de um projeto de vida de qualidade. Conheço profissionais docentes, formados em Ciências da Religião, que atuam no campo da comunicação, que são muito procurados para entrevistas e análises, inclusive chamados para refletir sobre segurança de estado e mediação em conflitos político-

Entrevista com Paulo Agostinho Nogueira Baptista sobre sua experiência como egresso da primeira graduação de Ciência da Religião no Brasil

religiosos, como no exemplo que dei anteriormente. E ainda há muito caminho profissional a ser conquistado e criado.